

PERDIDO ENTRE TODOS OS ROSTOS DO MUNDO

Por Jhésus Tribuzi

Os sinos tocam. Apesar disso, não sei exatamente onde fica a igreja. Estou no quarto 1003 do Hotel Express em Porto Alegre, mas sinto que poderia muito bem estar em outro lugar, nos quartos numerados de Buenos Aires, Paris, Monteiro, por exemplo, ou, quem sabe, numa casinha qualquer, mais distante. Bem mais distante. Um antigo amigo, poeta, costumava dizer que é bom ficar afastado, “longe de tudo aquilo que nos faz ridículos”. Nunca perguntei como sabia, exatamente, o que o tornava ridículo. Logo ele que, mesmo nos seus piores dias, jamais me pareceu acossado pela vergonha de si próprio. Desconheço que fim levou. Talvez tenha morrido. Se afastado eternamente. Talvez tenha sido justamente o fantasma de suas palavras que, horas atrás, voltou para me assaltar. Talvez.

Eu andava pelo centro, em carga total pela Rua dos Andradas, disposto a tomar um café e comer um pedaço de bolo. Desajeitado, sôfrego, agindo como se a cafeína e o doce fossem as coisas mais importantes do mundo, imaginei o que o poeta diria caso me visse. “Ai está o seu ridículo”, diria. De fato. Mas era o melhor a fazer, pensei: alimentar o moribundo corpo físico para que ele não morresse antes da hora e pudesse continuar descendo alguma dessas ruas, servindo de receptáculo para algo, sempre descendo, sempre em frente, apesar de tudo. De qualquer forma, o fato é que, enquanto seguia meu caminho, notei certa comoção na Praça Montevideu. Uma turba de pessoas se amontoava no local. Seus rostos se dirigiam para um ponto em comum que eu, de onde estava, não conseguia vislumbrar. Parei. A cada segundo chegavam mais cabeças e braços e pernas, todas atraídas pelo imã do acontecido que se instaurara. Passos rápidos tropeçavam entre si.

Não podia ser coisa boa, concluí. Nenhum amontoado de seres humanos se junta tão rápido para ver algo edificante. Talvez fosse melhor chegar mais perto. Uma voz masculina à minha direita entoou uma exclamação chorosa e dirigiu-se rumo ao tumulto. Acabei indo atrás. Não havia como ignorar, deixar passar. O horror. Talvez ele já estivesse ali desde sempre. Talvez eu acabasse me aproximando de qualquer jeito, quem sabe mais rápido caso tivesse sido o primeiro a vê-lo, caso tivesse sido o meu dedo a apontar em direção ao que não deveria ser, como quem diz para todos que aquela coisa não era o princípio, mas, sim, o resultado.

O resultado de quê, pensei, o resultado de quê, e continuei repetindo a pergunta enquanto me aproximava um pouco mais do enxame de braços, pernas, cabeças e olhos que zumbia procurando um sentido para tudo aquilo, todos embaralhados entre si, atrapalhando-se mutuamente. A massa humana já tomava parte da pista e começava a atrapalhar o trânsito. Eu, ainda distante, continuava sem visão do acontecido. Muita gente ao meu lado também não tinha a mínima idéia dos fatos, mas inferi que todos pareciam pensar a mesma coisa, também

repetindo a pergunta que rondava minha cabeça. O resultado de quê? De quê? E, enquanto pensava nisso, ouvia comentários de gente que saía do meio do tumulto e de outros, que observavam, assim como eu, aqueles que saíam do meio do tumulto.

Uma velhinha, postada atrás de mim, disse que estava com vontade de chorar. Um senhor, mais novo que ela, quis saber por qual motivo. A velhinha disse que aquilo era triste. O senhor perguntou o que tinha acontecido de tão triste. A velhinha disse que não sabia direito, mas que era triste mesmo assim. O senhor perguntou para alguém e esse alguém disse que possivelmente, pelo que ouviu de outra conversa, tinham matado uma criança. A velhinha disse um palavrão. O senhor disse que queria ir lá, mas o alguém o fez entender que não dava para chegar mais perto e que o jeito era esperar ou ir embora. Tinha muito sangue, o corpo estava despedaçado. Do ponto em que estávamos, só dava pra imaginar.

Pessoas surgiam cabisbaixas. Outras, mais lentas, ficavam andando para lá e para cá, desnorteadas, falando sozinhas. Tremiam. Pareciam desprotegidas. Será que tinham noção disso? Será que, caso observassem seu reflexo em um espelho qualquer, teriam vergonha? E eu, perdido, não estaria do mesmo jeito?

Alguns carros furaram o bloqueio humano, passaram pelo meio fio e deram um jeito de ir embora. Uma mulher foi cuspidada da praça e logo foi tomada por questionamentos do enxame cada vez mais barulhento. Não pude ouvir muito, mas a velhinha e o senhor sim. Não era uma criança, era uma adolescente. Uma puta. Bem novinha. Não havia sangue, mas muita água. Ela parecia ter se afogado. O que ninguém entendia era como o corpo foi aparecer logo ali. A brigada não sabia e não dava pra começar a investigar. Tinham que tirar o defunto do local. Alguém disse que ela estava toda inchada, toda roxa, mas que dava pena e que ninguém queria mexer na moça, com aqueles olhos esbugalhados, a boca semi-aberta em desespero e os cabelos... A mulher disse que ela tinha cabelos bonitos. Lisos. Molhados. Parecia que a tinham penteado. Era triste.

Como fizeram isso com ela? Queria chegar mais perto. Já sentia mãos me pressionando, empurrando minha cintura, e logo notei que o tumulto só aumentava. Não dava pra ficar parado, sem ver nada, só pensando, sem saber como perguntar direito, enquanto zumbiam suspiros sobre as mãozinhas da puta-criança que tinha aparecido morta. Todos os rostos estavam lá, olhando para o mesmo canto, configurando-se como uma máscara gigantesca, cheia de olhos e narizes que fungavam perto das bocas abertas em pesar. Os rostos da máscara sabiam que, apesar de tudo, das coisas que insistem em nos dizer e apresentar, estamos fadados ao mesmo resultado, ao mesmo ponto final que nem todos podem ver; só sentir, pressentir, rezar e bradar para algum canto, talvez escrever, talvez pensar em estar longe, querer estar longe, mas simplesmente dizer que é melhor ficar, só permanecer ali como se isso fosse, de fato, o melhor a ser feito, como se tudo fosse mudar com a descoberta do quão horrível e triste algo pode ser.

Ou qualquer coisa que inventem para disfarçar o ridículo da situação toda: o ridículo

de estar ali, de querer continuar ali só pra tocar em um pedaço daquele mistério e tentar ver a digital de nossa própria vergonha.

Quis ir embora. Quis ficar longe. Mas só consegui ir pra frente, só consegui empurrar, virar a cabeça, apurar os ouvidos. Fechei os olhos. E continuei em frente, seguindo. Perguntando. Tocando. Era melhor assim. Tinha muito tempo até o hotel fechar.

Lembro que pensei numa poesia. E comecei a rir.